

Vitória inspira velhas lembranças e... cuidados

AJ 80 163

A cidade pacata virou metrópole movimentada. Não é mais aquela, nem nunca será. De repente, saudade

Faz de conta que o tempo não passou. Vitória não tem 434 anos. Faz de conta que o Britz não acabou e que aquelas casas da rua Muniz Freire continuam de pé. Faz de conta que o Cine Odeon tem uma intensa programação de bons filmes para toda a primavera e rouba o público das novelas. Faz de conta que **A Tribuna** não fechou e que é dia de passear de lancha do sistema aquaviário pela baía e apreciar a bonita e bem conservada Ilha da Fumaça.

Pôxa, mas Vitória tem 434 anos! E esse faz-de-conta só tem sentido naquelas noites nostálgicas, em véspera de um novo ano. Realidade é realidade e nem os poetas fogem a ela. Só lamentam. O cronista, contista e jornalista Fernando Tatagiba, por exemplo, encara os fatos. Diz que Vitória não é mais uma ilha, devido aos aterros. Não é mais cidade-presépio, tendo em vista a descaracterização do centro. No entanto, ele a define como cidade-estrela, que "explode e brilha intensamente dentro de cada um de nós".

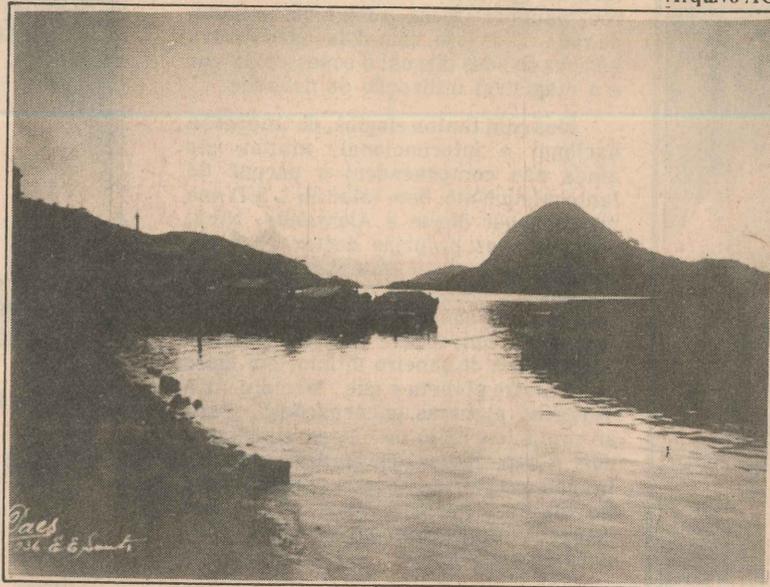
Desde que começou a escrever, há muitos anos, tem em Vitória a sua principal preocupação. Segundo conta, acompanhou toda a sua transformação, de cidade pacata — "com o bonde circulando em volta da Praça Costa Pereira" — numa metrópole movimentada — "com a avenida cheia de gente, camelôs e transeuntes atrapalhando a passagem".

De Vitória, Fernando Tatagiba aproveita tudo: "As conversas fiadas das donas-de-casas nos orelhões, os ba-e-papos nos botequins, um velho que conta coisas antigas na praça, os tipos extravagantes que passam e morrem sem que ninguém saiba..."

O que não pode ver, como ele confessa, espia de binóculos. Porque a profissão o obriga a ficar ligado 24 horas no que ocorre nos cantos da cidade. Através de seus livros **O Sol no Céu da Boca**, **Invenção da Saudade** e o mais recente **Rua**, Fernando Tatagiba faz um panorama de tudo de Vitória, como se fosse um inventário de imagens e rumores do cotidiano da capital.

Já abordou em crônicas, contos e poesias: as extintas lanchonetes Rio Doce, Canaan e Sete; a noite final do Britz; a transformação do Bár Santos; o incêndio do Bar do Menezes; os bacuráus que circulam pela madrugada; os últimos bondes que atravessaram a cidade; o fim dos programas de audiótorio da rádio Espírito Santo; a efervescência da Vila Rubim e o Parque Moscoso em domingo cinzento.

MUDANÇAS



Arquivo AG

A baía que muita gente não conhece, sem vestígios de progresso



Arquivo AG

Hoje, onde há tanto congestionamento, passava o bonde

Foto de Nestor Muller



De "razoável" em Vitória, na sua opinião, é o centro comercial. O que chama de feira de acontecimentos. Tudo está tão perto de tudo: teatros, cinemas, camelôs... Responsável por esse grande tumulto. Divertido ou desagradável, conforme o humor de cada um.

Adilson Vilaça acha que Vitória, aos 434 anos, vive um dos momentos mais importantes, que é a reconquista de sua autonomia, depois de 23 anos, através de eleição direta para a escolha de prefeito da capital. "Esperamos, nós, moradores nascidos e criados aqui, que a cidade passe a nos pertencer novamente", diz.

Para o empresário Edgar Rocha, Vitória, a cidade, precisa ser melhor divulgada fora daqui, criar fama. "Quando se fala do Espírito Santo, só se pensa em Guarapari..." E acrescenta que as prefeituras divulgam, sim, as escolas de samba e as festas gay. Ele apela para a humanização da cidade. Que, ao chegar, por exemplo, o tempo das jabuticabas, haja uma preocupação em manter as praças com essas árvores frutíferas limpas.

Vitória deixa muito a desejar em termos de lazer, lamenta. Além do Parque Moscoso e da Feira do Artesanato, Edgar Rocha conclui que a cidade não tem mais nada a oferecer à população de baixa renda.

Cinema? Os 12 que existiam há algum tempo foram reduzidos a apenas quatro. Boate? Só uma. Segundo o empresário, Vitória já teve um bom número: Kave, Boteco, Aux Chandelles, a do Clube Vitória...

Mas, apesar de tudo, Edgar Rocha conclui: "Vitória é maravilhosa para se morar".

PROSAICA ENCANTADORA

Autor de vários livros, entre os quais, **Carnaval**, **Cem anos**, Anselmo Gonçalves, poeticamente, diz que a Vitória que "se abriu" diante dele, além de menina, era "prosaica e encantadora e tinha uma atmosfera morena com recantos e repuxos preciosos".

Na Cidade Alta, à tarde, ele lembra que as velhinhas de cabelos brancos faziam tricô sentadas em cadeiras de balanço e o cumprimentavam. Depois, dormiam, enquanto Raimundo Nonato vendia máscaras de carnaval. E, no cais do porto, os navios transportadores de minério de ferro levavam um mês aportados. "Os gringos, enquanto esperavam o carregamento, açudavam a cara de verveja no Café Americano ou no Zé Boca-Rica e faziam arruaças,

...mores do cotidiano da capital. Já abordou em crônicas, contos e poesias: as extintas lanchonetes Rio Doce, Canaan e Sete; a noite final do Britz; a transformação do Bár Santos; o incêndio do Bar do Menezes; os bacuráus que circulam pela madrugada; os últimos bondes que atravessaram a cidade; o fim dos programas de audiótoric da rádio Espírito Santo; a efervescência da Vila Rubim e o Parque Moscoso em domingo cinzento.

MUDANÇAS

Há oito anos em Vitória o jornalista e poeta Adilson Vilaça, sempre morou em morros: no da Piedade, do Moscoso, da Chapada e agora, do Quadro. O que o fez observar que no início a cidade cresceu pelos morros. "Eram morros mais bem cuidados", lembra, não se referindo aos de subabitação. Ele nota agora que o crescimento da cidade se dá para o lado norte, em direção a Jardim da Penha, por causa de uma política habitacional e também da especulação imobiliária.

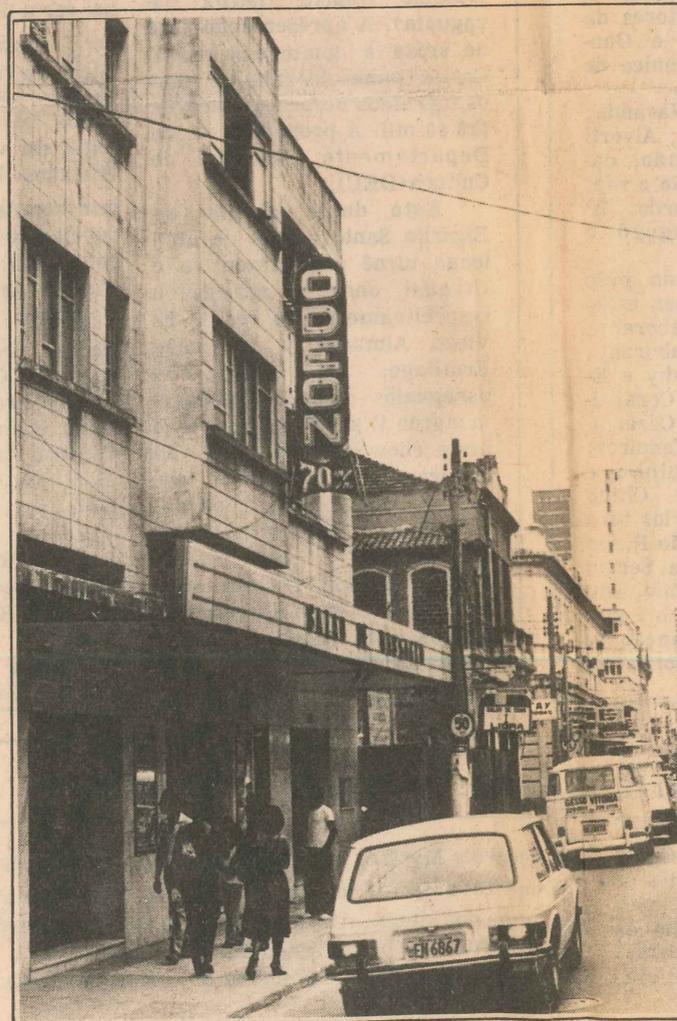
Fato que deixou ao léu o outro lado da cidade: a rua São João, ladeira Santa Clara, Vila Rubim, Cidade Alta. Sensível também às mudanças sofridas por Vitória, Adilson Vilaça observa que a cidade é um constante aterro. O que provocou o estreitamento da baía. Essa "invasão" também destruiu, segundo Vilaça, o aspecto de beleza da baía, tão enfatizada por Carmélia Maria de Souza.

E, por falar em invasão, não só as partes nobres da cidade que sofrem lescaracterização. A população, diz Adilson Vilaça, pouco a pouco vai tomando conta dos manguezais. Brevemente o que resta disso deixará de existir, prevê.



Muito cimento e concreto rouba o lugar do verde. Vence o cinza nessa guerra pelo progresso

Talvez aqui a boêmia tenha sido mais feliz. Resistiu a ditas duras penas, entre goles de cervejas quentes



Final triste o do Cine Odeon. Acenderam a luz...

As velhas casas da Muniz Freire fazem parte de um passado. Quantas casas ainda serão derrubadas?



Na Cidade Alta, à tarde, ele lembra que as velhinhas de cabelos brancos faziam tricô sentadas em cadeiras de balanço e o cumprimentavam. Depois, dormiam, enquanto Raimundo Nonato vendia máscaras de carnaval. E, no cais do porto, os navios transportadores de minério de ferro levavam um mês aportados. "Os gringos, enquanto esperavam o carregamento, açudavam a cara de verveja no Café Americano ou no Zé Boca-Rica e faziam arruaças, brigavam com estivadores ou com qualquer um. Não apanhavam nunca e depois mijavam na Praça Oito como símbolo do triunfo e iam cantando: **my heart cry for you** ou **mamãe eu quero**, com sotaque infeliz".

Segundo Anselmo Gonçalves, os cafés Elite, Santos, Central, Avenida recebiam os notívagos. E a polícia fazia das suas. Certa vez, prenderam na rua 1º de Março, em frente à Casa Samuel, uma mulher loura que desfilava de vestido branco, sem combinação, com as bordas da calcinha, que chamavam na época de V-8, marcando-lhe as curvas e o contorno superior do sutiã, "como se fosse uma garça de asas abertas e pousada sobre o peito". O guarda gritava histericamente que era um atentado ao pudor. Só que vieram marinheiros suecos — a mulher era tripulante de um navio — e deram sa-fanões no guarda, levando a mulher a salvo.

Depois, muito tempo depois, veio o twist, as boates, uma história de muitos personagens que ele promete contar mais tarde. Bons tempos aqueles... Os de Vitória antiga.

SANDRA AGUIAR



Muito cimento e concreto rouba o lugar do verde. Vence o cinza nessa guerra pelo progresso